



Escrever o editorial deste número da revista *Distúrbios da Comunicação* foi uma tarefa muito difícil e ao mesmo tempo muito especial, pois pudemos fazer uma pequena homenagem à mestre de todos nós, não só da PUCSP, mas de toda a Fonoaudiologia.

No dia 28 de julho de 2013, faleceu a professora do Programa de Pós Graduação de Fonoaudiologia da PUCSP, Profa. Dra. Maria Cecília Bevilacqua, que teve importante participação no ensino, pesquisa e extensão da Fonoaudiologia na Universidade e na consolidação de políticas públicas voltadas às pessoas com deficiência auditiva no Brasil.

Cecília Bevilacqua esteve presente na PUCSP e na área da audiolgia desde sempre. Foi e será sempre parte da nossa história. Não tê-la por perto nos orientando, nos instigando e nos questionando traz uma sensação de tristeza, mas ao mesmo tempo de obrigação de continuarmos seu trabalho, que ela tanto valorizava.

Formou-se em Fonoaudiologia na PUC-SP em 1970 e em Psicologia em 1978, fez mestrado no Programa de Pós-graduação em Distúrbios da Comunicação e doutorado no Programa de Psicologia da Educação da PUCSP, livre docência pela Faculdade de Odontologia de Bauru-USP. Foi a primeira representante de área da Fonoaudiologia junto ao CNPq (2002-2007), membro da Comissão de Especialista em Fonoaudiologia no MEC-SESu. Membro fundadora da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia e da Academia Brasileira de Audiologia. Recebeu mais de 60 prêmios e homenagens durante sua produtiva vida acadêmica.

Cecília foi mentora do Encontro Internacional de Audiologia que está na 28ª edição este ano. O evento mais importante da área. Colaborou ativamente com a introdução do Implante Coclear no Brasil, sob a liderança do Dr. Orozimbo Alves Costa, seu marido.

Em sua trajetória profissional, construiu setores de Audiologia (no Hospital da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, na DERDIC-PUCSP, no Centrinho de Bauru/USP e outros polos em regiões distantes), cujo atendimento se constituiu em referência nacional e alavancou políticas públicas de atenção à saúde auditiva. Destaque deve ser feito à importante contribuição que sua liderança gerou na publicação da Portaria de Saúde Auditiva de 2004, pela qual o SUS passou a realizar diagnóstico, conceder dispositivos eletrônicos e atendimento fonoaudiológico a pessoas com deficiência auditiva em centros credenciados em todo o Brasil.

Ainda, nessa linha, recentemente, sua liderança em projetos de pesquisa no Ministério da Educação e sua atuação como assessora na Câmara Técnica de Saúde Auditiva e membro do Comitê Gestor para o Acompanhamento da Rede de Cuidado à Saúde da Pessoa com Deficiência, ambos do Ministério da Saúde, culminaram na publicação de nova política de Atenção à Saúde à pessoa com deficiência pelo Ministério da Saúde. Entre outros aspectos, essa política introduz o Sistema de Frequência Modulada (equipamento de tecnologia assistiva) para todas as crianças com deficiência auditiva de escolas públicas do Brasil, projeto capitaneado por ela.

Aprendemos muito com sua forma de ser, agir e pensar, buscando observar em cada situação seu contexto, potencialidades e fragilidades, planejar as estratégias, tomar posição política diante dos fatos. Na liderança de muitos empreendimentos na área, distribuía tarefas, sempre apostando que sua equipe faria o melhor. Ensinou-nos, certamente, como produzir movimento e como sustentá-los. Propiciou com seu jeito de ser que muitos aprendessem a fazer o bom combate.

Fica aqui nossa gratidão, que só não é maior do que a saudade que os muitos fonoaudiólogos, mestres e doutores que Cecília formou e daqueles que tiveram o privilégio de desfrutar de seu convívio estão sentindo.

Ninguém escolhe o tempo que vive e, queremos crer, que se esse foi seu tempo, para nós talvez caiba perguntar onde ficamos.



---

Na sequência, o texto escrito por sua filha Julia Bac em homenagem a ela:

*“Freqüentemente, escuto pessoas falando da minha mãe usando palavras como “lutadora”, “batalhadora”, “guerreira” e todas as vezes imagino uma pessoa carregando um escudo, espada e armadura, quase como na imagem de Joana d’Arc montada em seu cavalo. Mas, essa não é a imagem que tenho dela.*

*Então, me proponho a contar a vocês duas histórias que passei com a minha mãe que a descreve como eu a vejo, sob a minha perspectiva.*

*Já há alguns anos atrás, o médico da minha mãe disse que ela precisava perder peso, por isso, nós decidimos ir para um spa em Piratininga, uma cidade pequena perto de Bauru. Ficamos lá por mais ou menos uma semana.*

*Lá pelo quinto dia, depois de passarmos muita fome e fazer muito exercício, nós duas estávamos com um incrível mau humor e sem capacidade nem para ler um livro.*

*Eu olhei para a minha mãe e disse que gostaria muito de ir ao cinema. E em um daqueles momentos da vida em que as camadas de tempo se entrelaçam, e os papéis de mãe e filha se invertem, ela se levantou rapidamente da cama, como num susto, dizendo que a gente devia ir ao cinema, e foi logo se arrumando.*

*Entramos no carro, eu ainda meio em dúvida sobre a legitimidade do nosso comportamento... a próxima cena que me lembro, é de estar dentro do carro, ver as luzes se moverem para cima e para baixo, seguindo o ritmo da estrada de terra. Confesso que fiquei com medo, achando que seríamos pegadas, com cachorros e seguranças correndo atrás do carro, como ouço nas lendas urbanas sobre as rígidas regras dos spas no Brasil.*

*No caminho perguntei para a minha mãe se deveríamos MESMO fazer aquilo, que só faltavam dois dias e que por mim estava “tudo bem”. Daí ela respondeu com seu jeito enfático, com que ela falava quando realmente sabia do assunto, e disse: “eu não estou num colégio interno e tão pouco num presidio... nós vamos ao cinema e ponto final!”. Eu dei um sorrisinho disfarçado, por orgulho ou por admiração, não sei...*

*No fim, nós fomos ao cinema e voltamos sem nenhum problema.*

*Para mim, a imagem da minha mãe não é igual a de uma mulher da Idade Média, mas sim uma mulher que nunca aceitava facilmente as regras impostas e sempre contestava as coisas ao redor com muita autenticidade. Uma mulher apaixonada por seu trabalho e que transmitia essa paixão de um jeito quase devastador.*

*Muitas vezes discuti com ela sobre o que eu iria fazer no futuro, o que estudar e o que trabalhar, e tanto ela quanto meu pai, me orientaram a fazer algo com que eu fosse feliz. Resolvi escolher um caminho pelo qual sou apaixonada, mas nem tanto remunerada.*

*Meses atrás, quando ela já estava no hospital, entrei um dia no quarto bufando dizendo que se eu pudesse voltar no tempo escolheria outra profissão, algo para ganhar muito dinheiro, e iria fazer as coisas que gosto no tempo livre, assim seria feliz. Ela respondeu dizendo que eu seria duplamente INFELIZ, estudando e trabalhando em algo que eu não acreditasse. Aí disse: “Calma Julia, dê tempo ao tempo” e fechou seus olhos...*

*Acredito ter tido muita sorte por ela ter me dado a chance de dar meu primeiro suspiro, e igualmente por poder estar ao lado dela quando ela deu o seu último.”*

Vamos terminar nosso editorial escrito a várias mãos convidando a todos para uma boa leitura deste número da revista *Distúrbios da Comunicação* que a Profª Dra Maria Cecilia Bevilacqua ajudou a construir como membro do conselho editorial desde 1986.

Obrigada Cecilia...

Beatriz Mendes, Beatriz Novaes, Lila Pupo, Maria Cecilia Bonini Trenche.

